

# A FOME, A CORRUPÇÃO E OS LUXOS...

19-Jun-2009

Cavaquisses, Sãcratisses e Samoradas Portugal precisa de jactos executivos para transporte de governantes???

Pronto! Finalmente descobrimos aquilo de que Portugal realmente precisa: uma nova frota de jactos executivos para transporte de governantes. Afinal, o que ã preciso nãŁo sãŁo os 150 mil empregos que Josã Sãcrates anda a tentar esgravatar nos desertos em que Portugal se vai transformando.

Texto de Mario Crespo

-

TãŁo-pouco precisamos de leis claras que impeãŁam que propriedade pãblica transite directamente para o sector privado sem passar pela Partida no soturno jogo do Monopãlio de pedintes e espoliadores em que Portugal se tornou.

-

NãŁo precisamos de nada disso. Precisamos, diz-nos o Presidente da Repãblica, de trocar de jactos porque aviãmes executivos "assim" comoaqueles que temos jã; nãŁo hã; "nem na Europa nem em ãfrica".

-

Cavaco Silva percebe, e obviamente gosta, de aviãmes executivos. Foi ele, quando chefiava o seu segundo governo, quem comprou com fundos comunitãrios a actual frota de Falcon em que os nossos governantes se deslocam. Voei uma vez num jacto executivo.

-

Em 1984 andei num aviãŁo presidencial em Moãambique. Samora Machel, em cuja capital se morria ã fome, tinha, tambãŁm, uma paixãŁo por jactos privados que acabaria por lhe ser fatal. Quando morreu a bordo de um deles tinha trãs na sua frota.

-

Um quadrimotor Ilyushin 62 de longo curso, versãŁo presidencial, o malogrado Antonov-6, e um lindã-ssimo bimotor a jacto British Aerospace 800B, novinho em folha. Tive a sorte de ter sido nesse que voei com o entãŁo Ministro dos Estrangeiros Jaime Gama numa viagem entre Maputo e Cabora Bassa. Era uma aeronave fantãstica. Um terãŁo da cabina era uma magnã-fica casa de banho. O resto era de um requinte de decoraãŁo notãvel. Por exemplo, havia um pequeno armãrio onde se metia um assistente de bordo magro, muito esguio que, num prodã-gio de contorcionismo, fez surgir durante o voo minãsculos banquetes de tapas variadã-ssimas, com sandes de beluga e rolinhos de salmãŁo fumado que deglutimos entre golinhos de Clicquot Ponsardin.

-

Depois de nos mimar, como por magia, desaparecia no seu armãrio. Na altura fiz uma reportagem em que descrevi aquele luxo como "obsceno".

Fiz nesse trabalho a comparaãŁo com Portugal, que estava numa craveira de desenvolvimento totalmente diferente da de Moãambique, e nãŁo tinha jactos executivos do Estado para servir governantes. Nesta fase metade dos rendimentos dos portugueses estã a ser retida por impostos.

-

Encerram-se maternidades, escolas e serviços de urgência. O Presidente da República inaugura unidades de saúde privadas de luxo e aproveita para reiterar um insuspeitado direito de todos os portugueses a um sistema público de saúde. Numa altura destas, comprar jactos executivos é tão obscuro como o foi nos dias de Samora Machel.

-

Este irrealismo brutalizado com que os nossos governantes eleitos afrontam a carência em que vivemos ultraja quem no seu quotidiano comuta num transporte público apinhado, pela Segunda Circular ou Camarate, para lhe ver passar por cima um jacto executivo com governantes cujo dia a dia decorre a quilómetros das suas dificuldades, entre tapas de caviar e rolinhos de salmão.

-

Claro que há alternativas que vão desde fretar aviões das companhias nacionais até, pura e simplesmente, cingirem-se aos voos regulares. Há governantes de países em muito melhores condições que o fazem por uma questão de pudor que a classe que dirige Portugal parece não ter.

-

Vi o majestático François Mitterrand ir sempre a Washington na Air France. Não é uma questão de soberania ter o melhor jacto executivo do mundo. É só falta de bom senso. E não venham com a história que é mesquinhez falar disto. É de um pato-bravismo intolerável exigir aos países mais sacrifícios para que os nossos governantes andem de jacto executivo.

-

Nós granjeamos muito mais respeito internacional chegando a cimeiras em voos de carreira do que a bordo de um qualquer produto tecnológico caríssimo para o qual todo o mundo sabe que não temos dinheiro.

Â

JN

Â

Mário Crespo. Jornalista.